

## Leonardo Boff

É teólogo e filósofo

/// A educação reinventada nos deve ajudar na descolonização e na superação do pensamento único, aprendendo com as diversidades culturais e tirando proveito das redes sociais. Deste esforço poderão nascer, entre nós, os primeiros brotos de um outro paradigma de civilização

# Reinventando a educação em tempos de mudança

Muniz Sodré, professor titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro, é alguém que sabe muito. Mas o singular nele é que, como poucos, pensa sobre o que sabe. Fruto de seu pensar é um livro notável que acaba de sair: "Reinventando a educação: diversidade, descolonização e redes (Vozes 2012)".

Nesse livro procura enfrentar os desafios colocados à pedagogia e à educação que derivam dos vários tipos de saberes, das novas tecnologias e das transformações processadas pelo capitalismo. Tudo isso a partir de nosso lugar social que é o Hemisfério Sul, um dia colonizado e que está passando por um instigante processo de neodescolonização e de um enfrentamento com o debilitado neoeurocentrismo hoje devastado pela crise do euro.

O professor Muniz Sodré analisa as várias correntes da pedagogia e da educação, desde a paideia grega até o mercado mundial da educação, o qual representa uma crassa concepção da educação utilitarista, ao transformar a escola numa empresa e numa praça de mercado a serviço da dominação mundial.

Desmascara os mecanismos de poder econômico e político que se escondem atrás de expressões que estão na boca de todos como "sociedade do conhecimento ou da informação". Melhor dito, o capitalismo informacional-cognitivo constitui a nova base da acumulação do capital.

Tudo virou capital: capital natural, capital humano, capital cultural, capital intelectual, capital social, capital simbólico, capital religioso... capital e mais capital. Por trás se oculta uma monocultura do saber, aquele maquinismo, expresso pela "economia do conhecimento" a serviço do mercado.

Hoje se projetou um tipo de educação que visa à formação de quadros que prestam "serviços simbólico-analíticos", quadros dotados de alta capacidade de inventar, identificar problemas e de resolvê-los. Essa educação "distribui conhecimentos da mesma forma que uma fábrica instala componentes na linha de montagem".

A educação perde destarte seu caráter de formação. Ela cai sob a crítica de Hannah Arendt, que dizia: "pode-se continuar a aprender até o fim da vida sem, no entanto, jamais se educar".

Educar implica aprender sim, a conhecer e a fazer, mas, sobretudo, aprender a ser, a conviver e a cuidar. Comporta construir sentidos de vida, saber lidar com a complexa condição humana e definir-se face aos rumos da história.

O que agrava todo o processo educativo é a predominância do pensamento único. Os americanos vivem de um mito o do "destino manifesto". Imaginam que Deus lhes reservou um destino, o de ser o "novo povo escolhido" para levar ao mundo seu estilo de vida, seu modo de produzir e de consumir ilimitadamente, seu tipo de democracia e seus valores de livre mercado. Em nome desta excepcionalidade, intervêm pelo mundo afora, até com guerras, para garantir sua hegemonia imperial sobre todo o mundo.

A Europa não renunciou ainda à sua arrogância. A Declaração de Bolonha de 1999, que reuniu 29 ministros da Educação de toda a Europa, afirmava que só ela poderia produzir um conhecimento universal, "capaz de oferecer aos cidadãos as competências necessárias para responder aos desafios do novo milênio". Antes a imaginada universalidade se fundava nos direitos humanos e no próprio Cristianismo, com sua pretensão de ser a única religião verdadeira.

Agora a visão é mais rasteira: só a Europa garante eficácia empresarial, competências, habilidades e destrezas

que realizarão a globalização dos negócios. A crise econômico-financeira atual está tornando ridícula essa pretensão. A maioria dos países não sabe como sair da crise que criaram. Preferem lançar inteiras sociedades no desemprego e na miséria, para salvar o sistema financeiro especulativo, cruel e sem piedade.

Muniz Sodré, em seu livro, traz para a realidade brasileira estas questões, para mostrar com que desafios nossa educação deve se confrontar nos próximos anos. Chegou o momento de construirmo-nos como povo livre e criativo e não mero eco da voz dos outros.

Resgata os nomes de educadores que pensaram uma educação adequada às nossas virtualidades, como Joaquim Nabuco, Anísio Teixeira e particularmente Paulo Freire. Darcy Ribeiro falava com entusiasmo da "reinvenção do Brasil" a partir da riqueza da mestiçagem entre todos os representantes dos 60 povos que vieram ao nosso país.

A educação reinventada nos deve ajudar na descolonização e na superação do pensamento único, aprendendo com as diversidades culturais e tirando proveito das redes sociais. Deste esforço poderão nascer, entre nós, os primeiros brotos de um outro paradigma de civilização, que terá como centralidade a vida, a Humanidade e a Terra; ou seja, no dizer de alguns: uma biocivilização.